



Protestantismo em Revista é licenciada
sob uma Licença Creative Commons.

A Religião entre o Espetáculo e a Intimidade

The religion between the spectacle and intimacy

Celso Gabatz*

Resenha de:

MOREIRA, Alberto da Silva; LEMOS, Carolina Teles; QUADROS, Eduardo Gusmão de. (Org). *A Religião entre o Espetáculo e a Intimidade*. Goiânia: Ed. PUC Goiás, 2014. 320p.

Mesmo que, historicamente, tenha havido certa oposição entre a intimidade e espetáculo, há uma clara tendência para a diluição desta perspectiva na contemporaneidade. No âmbito da cultura, por exemplo, é possível perceber um processo contínuo de novas demandas e expressões. As tecnologias, por sua vez, exacerbaram infinitas possibilidades para a exibição da intimidade. Os espaços privados vão sendo transformados em cenários nos quais indivíduos forjam o espetáculo de suas próprias particularidades. O espetáculo é a expressão de uma realidade como a preconizada por Guy Debord¹ na qual a “mercadoria ocupa totalmente a vida social”. Neste sentido, a mercadoria, o espetáculo e o capitalismo engendram uma associação intrínseca e relacional.

A sociedade do espetáculo é o resultado da conformação contemporânea das nuances e ambivalências de um modelo consolidado a partir da lógica capitalista. Nas novas práticas cotidianas, os indivíduos estão propensos a internalizar relatos, imagens e ideais nos quais o espaço público e a vida privada vão sendo diluídos. As fronteiras praticamente inexistem. Vive-se a intimidade *espetacularizada* nas relações sociais e na religião. Uma intimidade que faz do consumo sua razão de colocar-se em evidência.

Na difusão intensa de produção e divulgação de imagens já não é mais possível determinar aquilo que é ilusório e aquilo que é real. Nesta construção das relações dos indivíduos a partir da perspectiva delineada pela religião, caberia perguntar, por exemplo, como o espetáculo vem influenciando na forma e no conteúdo daquilo que é buscado. Outra questão pertinente diz respeito a possíveis referências ou diretrizes para estudar e

[Texto recebido em junho de 2016 e aceito em dezembro de 2016, com base na avaliação cega por pares realizada por pareceristas ad hoc]

* Doutorando em Ciências Sociais na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Mestre em História Regional pela Universidade de Passo Fundo (UPF). Pós-Graduado em Ciência da Religião e em Docência no Ensino Superior. Graduado em Sociologia (UNIJUI). Graduado em Teologia (EST). Graduado em Filosofia (CEUCLAR). E-mail: gabatz12@hotmail.com

¹ DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

compreender as interlocuções entre o espetáculo, a intimidade e a religião na atual conjuntura.

A Obra – *A Religião entre o Espetáculo e a Intimidade* – Organizada pelos professores doutores Alberto da Silva Moreira, Carolina Teles Lemos e Eduardo Gusmão de Quadros, reúne as principais conferências proferidas no âmbito do VII Congresso Internacional em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Perfazendo doze capítulos, busca descortinar caminhos a partir de instigantes e profundas reflexões.

O livro inicia com duas abordagens que esmiúçam percepções interpretativas para compreender as particularidades do espetáculo na perspectiva religiosa. No primeiro texto, *capitalismo, religião e espetáculo*, o filósofo francês, Dany-Robert Dufour, tece considerações gerais acerca do capitalismo de cunho neoliberal e de que forma este se aproxima da narrativa cristã da redenção. Parafraseando uma obra de sua autoria, o divino mercado,² sugere que este seria o palco onde, a exemplo da inspiração Shakespeareana protagonizada por Hamlet, ocorre uma exibição da tragédia na qual há sempre o medo da morte e a libertação prometida, mas nunca alcançada.

O sociólogo italiano Roberto Cipriani, autor do segundo capítulo, *religión popular y espetáculo*, retrata algumas festas populares mexicanas celebradas a partir da reconstrução do espetáculo com modalidades que reforçam a legitimidade e a inserção coletiva. Para o autor, trata-se de um movimento que supõe uma maior flexibilidade e até improvisação de modo a não permitir uma vinculação tão estreita com o poder eclesiástico e a lógica do consumo. Gastar é mais do que apenas comprar. As alegrias partilhadas podem servir de inspiração para que o porvir não suscite tantas aflições.

O terceiro capítulo, *a cena da religião pública: contingência, dispersão e dinâmica relacional*, o pesquisador pernambucano Joanildo Burity enfoca a grande incidência da religião no âmbito das questões sociais. Para ele, é preciso ultrapassar a premissa de que a fé estaria mais ligada ao espaço privado e que as diretrizes absorvidas pela laicidade seriam valores inerentes aos estados modernos.

Emerson Giumbelli, no quarto capítulo, *encontros espetaculares entre o religioso e o profano*, busca aprofundar algumas questões para a consolidação de princípios teóricos para aqueles e aquelas que estudam o fenômeno religioso. A partir da leitura de textos clássicos de autores como Max Weber, Émile Durkheim, Bruno Latour, Georges Bataille e Roger Caillois, a reflexão esboçada por Giumbelli reconstrói conceitos e pré-conceitos. Desafia para que, a partir de uma perspectiva instrumental adequada, haja possibilidades para captar mudanças e lançar novos olhares para vivências já conhecidas.

² DUFOUR, Dany-Robert. *O Divino Mercado. A Revolução Cultural Liberal*. Tradução de Procópio Abreu. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2009.

No capítulo quinto, *eu sou o povo; arranjos teopolíticos da governabilidade*, Eduardo Gusmão de Quadros, enfoca as dicotomias entre a esfera pública e a vida privada. Realça que esta divisão ampliada pela sociedade contemporânea foi sendo adequada a uma suposta rejeição da importância do comportamento religioso para as pesquisas acadêmicas. O autor faz um esforço para esboçar a construção das subjetividades contemporâneas a partir de seus efeitos estéticos e de uma conjugação equilibrada entre o público e o privado.

O sexto capítulo da obra em destaque, de autoria da pesquisadora Tânia Mara Vieira Sampaio, *o jogo da vida nas páginas do facebook: da intimidade do confessorário ao mundo do espetáculo*, acontece uma profícua abordagem crítica acerca da intimidade e o espetáculo nas páginas virtuais da rede social mais acessada no mundo, o facebook. A exposição de um determinado perfil de acordo com compreensões particulares de “beleza” poderia subtrair e esconder a perspectiva de uma religiosidade volúvel, dispersa, circunstancial. Para a autora, existe a suspeita de que possíveis categorias clássicas entre o profano e o sagrado já não conseguiriam explicitar adequadamente esta realidade.

Na sequência, Maria das Dores Campos Machado, com a reflexão, *religião, sexualidade e a cultura da autenticidade na contemporaneidade*, traça algumas diretrizes que auxiliam na compreensão das identidades sempre fluidas entre o público e o privado. Para ela, nos dias atuais, a religiosidade brasileira vem sendo confrontada com novas posições e representações de gênero e sexualidade. Diferentes denominações religiosas necessitam ampliar as discussões acerca da defesa dos direitos humanos e das relações homoafetivas. Cabe-lhes uma desafiadora e inalienável tarefa: inserir-se de forma colaborativa, respeitosa e leal nos espaços de debate que existem na sociedade.

Carolina Teles Lemos, no oitavo capítulo, *intimidade: entre o confessorário e a religião do espetáculo*, retrata que a construção das intimidades no mundo atual ocorre a partir do público e não em uma oposição ao mesmo. Suspeita que, entretanto, possam estar sendo também transformadas antigas práticas “tradicionais”, a saber, a confissão e o testemunho da fé.

A sexualidade com seus preconceitos e definições a partir dos parâmetros da espetacularização das celebrações religiosas, é tematizada por André Musskopf no texto “*viado não nasce, estreia! Não morre, vira purpurina!*” *Diversidade sexual, performatividade e religião numa perspectiva queer*. Para o autor, há uma performatividade consolidada por valores nos quais os sujeitos ocupam um lugar na organização social estruturada pelas tramas e interesses do poder. Alerta que o capitalismo, a heteronormatividade e o fundamentalismo religioso são “traduções” de uma autoridade impositiva. É pelo corpo e pela sexualidade que acontece a dominação do outro, de um povo ou de uma nação.

O pesquisador Emerson Sena da Silveira, no décimo capítulo, *espetáculo, religião e consumo: passagens e tensões na hipermodernidade* ressalta a grande mobilidade performática na perspectiva religiosa e também fora dela. Para Silveira, as imagens, os símbolos, os

personagens, podem circular na mídia independente e a despeito de suas origens institucionais. O autor embasa suas percepções a partir dos estudos de autores importantes como Gilles Lipovetsky, Charles Taylor, Michel Maffesoli, Sygmunt Baumann, Jean Baudrillard e Danièle Herviéu-Lèger. Relevante destacar que o consumo e as tecnologias midiáticas exacerbaram a flutuação dos sentidos para as diferentes tradições religiosas. As fronteiras entre as instituições religiosas e as subjetividades modernas vão oscilando e, ao mesmo tempo, podem ser rígidas e contínuas, porosas e descontínuas, rígidas e descontínuas. De acordo com o autor, as repercussões futuras ainda são imprevisíveis, pois os modos de combinação entre as religiões, os corpos, as mídias e o consumo são processos em franca expansão.

No penúltimo capítulo inserido no livro, *megachurches, megatemplos e "concentrações de fé": a espiritualidade de evangélicos brasileiros na "sociedade do espetáculo"*, Leonildo Silveira Campos aprofunda um movimento de massa expresso pelas grandes concentrações de fé, as "megachurches". Ele constata que estas estariam cada vez mais presentes nas metrópoles e, em decorrência, acabariam influenciando muito grupos religiosos menores, podendo, inclusive, ter uma grande exigência e apelo virtual. Para Campos, as "megachurches" são, notadamente, espaços onde processos de hibridismo e sincretismo acontecem e onde, por conseguinte, novos modelos de recomposição religiosa são colocados em prática, orientados pela mídia que de forma ilusória, aspira verdades eternas.

O último texto do livro, *a estetização da experiência religiosa*, Alberto da Silva Moreira, aprofunda questões concernentes à estetização da experiência religiosa a partir das premissas do capitalismo contemporâneo emergente. Para o autor, existe uma tendência em promover uma nova forma de secularização dos conteúdos religiosos. Alerta que é preciso perguntar se práticas estetizadoras de religião são capazes de favorecer a autonomia e a formação de sujeitos livres, ou se estas tornam os indivíduos reféns das próprias fantasias estéticas e dos seus anseios de prazer. Para ele o estético, por si só, não é capaz de garantir nenhuma emancipação. Moreira descreve a estetização da vida cotidiana e da religião como sendo um processo ambivalente, conflitivo e plural onde concorrem lógicas monológicas e dialógicas, interesses, sentidos, visões de mundo objetivando uma suposta autonomia.

A contemporaneidade que em suas práticas vai diluindo o espaço público e a esfera privada traz à tona a intimidade espetacularizada que faz do consumo sua razão de existir. Neste sentido, cabe sublinhar que a religião necessita de abundante indigência teológica em um contexto no qual surgem novos processos de mediação e representação. As religiões cristãs, em particular, não são apenas vítimas ou reféns dos processos de estetização compulsória da vida cotidiana e da experiência religiosa. Cabe-lhes o desafio pedagógico de criar e educar públicos ávidos por linguagens religiosas esteticamente apelativas.³ A contribuição da obra é inequívoca no sentido de ampliar horizontes, delimitar novas

³ SCHULTZE, Gerhard. *Die Erlebnisgesellschaft*. Kultursoziologie der Gegenwart. Frankfurt: Campus, 1997.

perspectivas de análise e entabular o debate em um cenário onde complexidades e ambivalências são pouco orientadas pelo diálogo, pelo entendimento e pela tolerância.

Referências

DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DUFOUR, Dany-Robert. *O Divino Mercado. A Revolução Cultural Liberal*. Tradução de Procópio Abreu. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2009.

SCHULTZE, Gerhard. *Die Erlebnisgesellschaft. Kultursoziologie der Gegenwart*. Frankfurt: Campus, 1997.